

tados alcançados nessa gratificante tarefa. Esse sentimento do dever cumprido advém, principalmente, da agradável sensação de haver podido concretizar pelo menos um pouco da superior orientação recebida do Governador, transformando em ato os seus alevantados propósitos na área cultural, em especial no campo da preservação e da pesquisa da documentação histórica estadual.

A oportunidade em que sai à luz este número da octogenária REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, coincidindo com mais uma das anuais comemorações da Inconfidência Mineira, realça de muito o evento: por um lado guarda coerência com os ideais de alevantamento cultural defendidos pelos heróis de Vila Rica e, por outro, constitui singular homenagem ao sonho daqueles heróis, quando publica a relação bibliográfica de quanto a respeito se escreveu.

O valor dessa bibliografia, da lavra do eminente bibliógrafo Hélio de Matos Gravatá, está convenientemente analisado na apreciação que sobre ela faz a competência do ilustre Prof. Francisco Iglésias, autorizado e respeitado historiador mineiro. Nada preciso acrescentar a tão erudita apreciação. Adiciono, apenas, meus cumprimentos e a expressão de minha admiração ao seu Autor.

MARCIO MANOEL GARCIA VILELA
SECRETARIO DE ESTADO DO GOVERNO
DE MINAS GERAIS

APRESENTAÇÃO

Francisco Iglésias

Completa-se aqui a Contribuição bibliográfica para a História de Minas Gerais, cuja primeira parte foi publicada nesta Revista em Dezembro de 1976 (Ano XXVII). Arrolavam-se então 372 títulos, sem levar em conta a Inconfidência Mineira: pelo vulto do episódio e seu interesse, o item cresceu, ultrapassando mil títulos, de modo que ficava desequilibrado na publicação. Por assim entender, o autor anunciava em "nota prévia" àquela parte seu aparecimento "em futuro próximo". O que é feito agora.

Confirma-se mais uma vez o mérito do trabalho de Hélio Gravatá, bibliógrafo autor de dezenas de levantamentos referentes a fatos, obras, personagens ou autores. O assessor do Arquivo Público Mineiro há longos anos dedica-se à sua tarefa, mais por simples gosto que dever profissional. Apaixonado por Minas — fluminense por acaso, pois nasceu em Paraíba do Sul, desde o segundo ano de idade vive em Belo Horizonte, o que lhe confere cidadania mineira —, como por seus temas, anotava quanto se referia a suas coisas: foi assim formando apreciável arquivo, embora não tivesse qualquer fim específico — como escrever um livro, tese ou servir a determinada instituição. Fazia-o "por distração", segundo diz. O impulso inicial, aparentemente sem motivo, terá crescido com o cargo no antigo Instituto de Tecnologia Industrial, da Secretaria da Agricultura do Estado de Minas, quando trabalhou na Biblioteca e organizou o seu catálogo. Na pesquisa a que se dava muitos temas ganharam relevo. Como resultado, ao fim de alguns anos o material crescera e seu dono se instituíra em fonte para quase tudo: quantos precisavam de uma informação se dirigiam a ele.

Hélio Gravatá, diligente e modesto, tão criterioso como destituído de ambição, nunca recusou os pedidos, mesmo viessem de gente desconhecida. Em Belo Horizonte chegou a ser hábito: quem começava uma pesquisa ou tinha necessidade de qualquer informação, dirigia-se a Hélio Gravatá, espécie de fonte de tudo. Há muita gente que lhe deve o essencial no que escreveu, consignando a dívida em simples agradecimento que não deixa o leitor adivinhar

o vulto da contribuição, ou nem escreve agradecendo. Com o tempo, os pedidos passaram a vir de fora: gente do Rio, São Paulo e outros pontos do País, até do estrangeiro. Estudantes, historiadores, escritores em geral, jornalistas, parlamentares ou simples curiosos pediam a ajuda do bibliógrafo.

Aposentado do serviço público, ele não interrompeu as suas pesquisas. Como, se eram a sua maior razão de viver? Assim, tornou-se o melhor conhecedor do Arquivo Público Mineiro: a direção atual desse órgão, dando-lhe o sentido dinâmico e a organização técnica que requer e não tinha, em sua melhor fase, desde os tempos do primeiro condutor — o admirável Xavier da Veiga —, resolveu incorporar o pesquisador a seus quadros, em ato acertado. Se ele vivia no Arquivo, melhor admiti-lo na assessoria: Hélio Gravatá confunde-se com a instituição, casa em que vive com muito amor. Conhece todas as outras instituições de Belo Horizonte possuidoras de bibliotecas ou interesse para a História. Se vai ao Rio, frequenta o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Biblioteca Nacional, para completar pesquisas, achar novos livros ou opúsculos, desfazer alguma dúvida ou acrescentar certa ficha ainda insuficiente.

Continua o trabalho, com a mesma dedicação e modéstia, fazendo notas, descobrindo livros e folhetos raros, artigos em jornais antigos, documentos manuscritos. Não pensa em escrever sobre determinado assunto, mas em fichar o que já escreveu sobre os vários aspectos, a seu ver, interessantes à vida de Minas. É amigo dos livros, de todos os livros, sem condenar os menos bons à morte: todos lhe parecem dignos da atenção de uma ficha, com mais informes sobre o estado de conhecimento dos problemas. Não se pode fugir ao lugar comum: ele lembra os monges medievais na procura e guarda de papéis antigos, para conservar a memória dos conventos ou ordens religiosas. Seu trabalho conta com o mesmo carinho e afeição, agora mais funcional pelo desenvolvimento das técnicas e normas da moderna Biblioteconomia e da Informática. O microfilme e o xerox revolucionaram esse setor, antes condenado a ritmo lento, quase estagnado, hoje dinâmico como os que mais o são. Como a casa em que trabalha dispõe de todo esse material, o esforço do investigador cresce em produção, dá rendimento maior. Sua paixão não se esgota, ao contrário, aumenta cada dia, cobrindo melhor as antigas áreas de interesse e incorporando outras.

Assim, torna-se um benemérito dos estudos mineirianos, pelo que faz e pela ajuda ao próximo. Nos últimos anos publicou algumas bibliografias, notadamente no Suplemento Literário do Minas Gerais e na revista BARROCO, da qual é Secretário. Sai de seu recolhi-

mento, certamente pelo impulso de gente como Afonso Ávila, seu amigo e Diretor da Revista BARROCO, ou Francisco de Assis Andrade, atual Diretor do Arquivo Público Mineiro, que tanto o estimula.

Sua obra mais importante é esta Contribuição bibliográfica para a História de Minas Gerais, embora a dedicada ao Aleijadinho seja mais ampla. A primeira parte, publicada em 1976, é guia indispensável para estudiosos. Completa-a a que ora se apresenta, referente à Inconfidência. Não é o momento de falar sobre o episódio, marco na vida de Minas e do País. De quanto ele tem suscitado, prova está na bibliografia ora feita por Hélio Gravatá. A pesquisa foi enorme, o autor relaciona 1.093 títulos. Como se vê, pelo conjunto, dividido em 14 itens, trata de documentos; bibliografias; livros e opúsculos; capítulos e referências em obras; verbetes em enciclopédias e dicionários; artigos, discursos, conferências; comemorações de 21 de abril em Ouro Preto; legislação; romances, novelas, contos; teatro; poesias; filmes; iconografia; obras em elaboração a inéditas.

Como se vê, pelo simples índice, a pesquisa foi vultosa e cobriu todos os aspectos. O interessado tem aqui o melhor guia para tratar do episódio, roteiro e sugestões para novas pesquisas ou tratamento do assunto. Revela-se, mais uma vez, a personalidade do autor, em sua realização mais importante: a dedicação, a busca infatigável, a inteligência. Como quase toda bibliografia, não é seletiva; suas datas extremas são 1819 (3 volumes de History of Brazil, de Robert Southey), até escritos de 1976. O autor sabe que seu trabalho não é completo e receberá como contribuição qualquer reparo ou lembrança.

Nesta breve apresentação, desejo apenas dizer da importância do trabalho de Hélio Gravatá, um abridor de perspectivas ao pesquisador de temas mineiros. Desejo, também, enaltecer suas qualidades: embora não seja historiador, a historiografia deve-lhe muito. Como pessoa, é admirável na simplicidade e na generosidade com que dá o que sabe ou encontra: com prazer e orgulho tenho-o entre os amigos e colegas preferidos. Palavra especial de entusiasmo cabe à direção lúcida e operosa do Arquivo, editor da obra, valorizadora da REVISTA. Ela ressurgiu na sua melhor tradição — a dos primeiros números. Esta bibliografia, sobre a Inconfidência, estou certo, provocará novos estudos ou abordagens originais sobre o movimento e a história de Minas em geral, pois é das obras inspiradoras e fecundantes.